

Itinerar: derivação e predicação em textos de curadoria de arte

Itinerar: Derivation and predication in art curation texts

Guilherme Aragão CARDOSO*

Universidade de São Paulo (USP)

Marcelo MÓDOLO**

Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO: Apresenta-se a construção verbal *itinerar*, com enfoque na emergência da construção em textos relacionados à esfera comunicativa de exposições de arte. A partir de abordagem linguística funcionalista, que se serve dos fundamentos teóricos da Gramática de Construção, o verbo *itinerar* é tomado como objeto de descrição linguística em interface entre pragmática, semântica, gramática e tipologia textual. O verbo *itinerar* se insere no repertório lexical idiossincrático em que se armazena e processam informações adquiridas na experiência linguística. No ato proposicional e no domínio semântico, acionam-se as propriedades morfossintáticas de derivação sufixal, via herança polissêmica, reelaborando a unidade processual *itiner-*, com *open slot*, em forma produtiva e licenciada pelo paradigma flexional verbal. Com isso, mobiliza-se a predicação de *itinerar*, em que se conferem as construções nominativas mono ou ditransitivas, requerendo a inserção de preposições, das quais predominam *por* e *até*.

PALAVRAS-CHAVE: Derivação. Predicação. Construção verbal. Gramática de Construção.

ABSTRACT: The verbal construction *itinerar* is presented, focusing on the emergence of the construction in texts related to the communicative sphere of art exhibitions. From a functionalist linguistic approach, which is based on Construction Grammar, the verb *itinerar* is taken as an object of linguistic description at the interface between pragmatics, semantics, grammar and

* Mestrando em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLCV-USP). Contato: guiaragao@usp.br.

** Doutor em Filologia e Língua Portuguesa. Professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DLCV-USP). Contato: modolo@usp.br.

textual typology. The verb *itinerar* takes place in idiosyncratic lexical repertoire in which information acquired through linguistic experience is stored and processed. At the interface between propositional act and semantic domain, the morphosyntactic properties of suffixal derivation are activated, via polysemic inheritance links, restructuring the open slot chunk *itiner-* in a productive form and licensed by the verbal inflectional paradigm. That said, the predication of *itinerar* is mobilized, in which the mono or ditransitive nominative constructions are elaborated, requiring or not the insertion of predominate prepositions *por* and *até*.

KEYWORDS: Derivation. Predication. Verbal construction. Construction Grammar.

Introdução

A construção verbal *itinerar* tem uso produtivo em textos circunscritos na atividade de curadoria de arte e em meios comunicativos relacionados às instituições museológicas. Na forja recursiva do verbo, que ainda não está dicionarizado, - muito menos incluído no sistema de pesquisa do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (Volp), versão 2023-2024, que contém mais de 382.000 entradas - parece haver motivação de iconicidade entre o sentido de deslocamento e trajetória, que são projetados pelo significado das formas nominais *itinerário* e *itinerante*; no sentido de representação da arte como expressão de múltiplas facetas, bem como a representação da arte como objeto itinerante em diversas exposições.

Assim como a linguagem, a arte é dialógica, interativa, dinâmica e perceptiva. Ambas resolvem-se e se reelaboram na função comunicativa e pragmática em diferentes circunstâncias sociais e históricas. Descrever uma peça de arte, no sentido técnico, requer repertório lexical específico, que incluem os materiais usados para a forja da peça de arte, a dimensão física da estrutura da obra e a técnica utilizada pelo artista na elaboração da pintura, da escultura, da fotografia e da gravura. Apresentar uma exposição de arte ao público diverso em forma de texto é exercer a função de descrever o objeto, de relatar a biografia do artista e de cumprir com a função didática de introduzir o expectador-interlocutor a uma possível sequência narrativa de obras expostas, cujo encadeamento estético/histórico desdobra-se a partir da interpretação e da seleção lexical do curador.

Dentre as responsabilidades variadas de um curador de arte, atribui-se a ele o papel de elaborar textos, nos quais se verificam pesquisa, seleção e adaptação de obras no tema de exposição, e, sobretudo, a escolha por uma linguagem para intermediar o diálogo entre público, espaço e obras, servindo-se de construções linguísticas particulares do meio. Esses textos, portanto, são elaborados a partir de contextos específicos, recebendo forma e função ancoradas numa proposta comunicativa que se configura na interface entre gramática e linguagem curatorial, a qual está descrita no item 1.

1 O tipo textual de curadoria

Os textos divulgados em catálogos de exposições permanentes e de exposições temporárias ou apresentados nas paredes dos salões de museus e galerias são pouco explorados pela linguística. O desenvolvimento de uma tipologia de textos cuja temática é apresentar uma exposição de arte encontra-se em estágio incipiente e pouco se tem de trabalhos que exploram os textos a partir da linguística funcional em interface com a Gramática de Construção.

No *texto curatorial* ou *gênero curatorial*, vide Santos (2017), Bohns (2012) e Ravelli (1998) a multimodalidade é inerente a sua elaboração, pois nele se encontram os domínios técnico, figurativo, histórico-sociais, autoral e espacial. Nesse último, verifica-se a interconexão essencial entre a disposição das obras no espaço arquitetônico e a organização das informações no texto. Para Santos (2017, p. 4),

Os catálogos de exposição, por sua vez, são reflexo e decorrência do espaço expositivo e do que nele está exposto. Em suas páginas se encontram reproduções do acervo disponibilizado, associado a apreciações institucionalizadas, permitindo uma aproximação do observador com a obra, dentro das escolhas feitas para a produção do enunciado no contexto enunciativo da exposição [...].

A interlocução entre exposição, obra e expectador resolve-se no que Bohns (2012, p. 623-625) denomina de discurso curatorial, em que se verifica uma linguagem que toma como parâmetro os critérios cronológico, historicista, formalista ou antiformalista, museológico, cromático, de ocupação do espaço, e afetivo. A partir da identificação de “dificuldades” específicas que os expectadores-interlocutores têm sobre

a apresentação textual de exposições de arte, Ravelli (1998) identificou uma série de características no texto curatorial comum aos registros especializados no discurso acadêmico, como léxico técnico, metáfora gramatical e densidade de significado. A autora também identificou repertórios lexicais e expressivos típicos na linguagem desses textos. Ela observou a prevalência de construções gramaticais que parecem ser importantes para a transmissão do tecnicismo no discurso artístico (RAVELLI, 1998, p. 144-148), elaborando a forma de uma “equação”, em que se verifica o uso de palavras que tentam dar conta de expressar propriedades técnicas da obra, de expressar uma construção icônica que se correlacione com alguma característica da obra, e de expressar um comentário interpretativo, que muitas vezes assume formas idiossincráticas.

Nas teorias de linguagem que emergem do círculo russo, atribuídas a Bakhtin (1992; 1997; 2016) e Medviédev (2012), o enunciado concreto é constituído por conteúdo temático, estilo e construção. Circunscrito no discurso, o enunciado é elaborado por meio de princípios que se dispõem na relação entre locutor e interlocutor, a influência do interlocutor sobre o enunciado, e a inteligibilidade da informação no ato pragmático dos interlocutores. O estilo individual, marcado pelo atravessamento de outros estilos e vozes, é elaborado pelo falante por meio de suas escolhas lexicais e do uso de construções morfossintáticas, enquanto que o estilo linguístico ou funcional “nada mais é senão o estilo de um gênero peculiar a uma dada esfera da atividade e da comunicação humana” (BAKHTIN, 1992, p. 283). Em textos de curadoria, elaboram-se construções linguísticas para expressar não apenas um estilo individual, mas para expressar um recurso linguístico já materializado na construção textual desse contexto enunciativo. As proposições do círculo russo contribuem para o entendimento da linguagem como fenômeno humano indissociável de atividades sociais e do tempo histórico. Contudo, a filosofia da linguagem não explica o funcionamento da língua em uso, o qual é explicado a partir do item 2.

2 *Itinerar* na interface da Gramática de Construção

Na Gramática de Construção, vide Croft (1991), Goldberg (2003) e Bybee (2007, 2010), em que se comprehende a elaboração de uma construção em acordo com o conjunto de exemplares disponíveis na memória do falante; a frequência no uso; a similaridade e variabilidade dos exemplares. Construção é o pareamento entre forma, constituída pela morfossintaxe, e função, em que se resolvem o empacotamento da informação, isto é a pragmática, e o conteúdo semântico. As características de uma construção seja ela uma palavra, uma flexão, seja uma construção sintática, de maneira geral, são esquemáticas, na qual se encontram esquemas licenciados ou bloqueados. Isso significa que as construções têm posições que podem ser preenchidas por uma variedade de palavras, sentenças, flexões verbais e flexões nominais. Nessa dinâmica, a renovação e a frequência desempenham um papel importante na manutenção de padrões recorrentes, confirmando, portanto, o princípio da redundância. Nesse raciocínio, a construção ou unidade processual ou *chunk* entra em funcionamento com a chegada de novos itens lexicais ou gramaticais, acionando o conhecimento linguístico armazenado na memória do falante para elaborar novas combinações ou reelaborar estruturas frequentes no uso. (BYBEE, 2010, p. 25-28).

A renovação da construção por meio da entrada de novos itens léxico-gramaticais é possível pela frequência de uso e pelas informações que são transmitidas em quatro distintos tipos de vínculos de herança: *vínculo de polissemia*; *vínculo de extensão metafórica*; *vínculo de subsegmento*; *vínculo de instância* (GOLDBERG, 1995, p. 75-89). Propõe-se o vínculo de herança como método de identificar generalizações para capturar relações de motivação. O *vínculo de polissemia* captura a natureza das relações semânticas entre um sentido particular de uma construção e quaisquer extensões desse sentido, em que as especificações sintáticas do sentido central são herdadas pelas extensões. Nesse sentido, na construção *itinerar*, verificam-se: i) a herança semântica de *itinerário* ou *itinerante*, em que o sentido de deslocamento ou de distância dos pontos de origem - percurso e alvo - incorre na predicação da forma verbal; ii) a herança morfêmica do sufixo *-ar*, em que se elaboram os sentidos de tempo, de aspecto e de pessoa.

Assim como em *Network Model* (BYBEE, 2007), o vínculo de herança também está fundamentado em um sistema de redundância na transmissão de informações entre as unidades processuais. Em *Network Model*, o padrão recorrente é a generalização de estrutura emergente ou de esquema que é utilizado para (re)elaborar combinações. Para Bybee (2007), o conhecimento linguístico é processual, produzido na experiência do falante, e está armazenado na memória em unidades processuais, as quais se caracterizam pela somatória de itens lexicais ou gramaticais com alta frequência de uso. O armazenamento e o processamento das informações adquiridas na experiência linguística resolvem-se nos fonemas, nos morfemas, no léxico, nas relações sintáticas e nas peças enunciativas, que compõem o conjunto de unidades processuais dispostas nas línguas naturais, não havendo, nesse sentido, uma separação real do léxico da gramática. A autora propõe que o conhecimento linguístico subjacente ao uso fluente da língua não é a gramática no sentido de estrutura abstrata, mas sim um grande estoque de enunciados anteriores categorizados e classificados que formam a base para a produção e compreensão de novos enunciados (BYBEE, 2007, p.280-283).

Com isso, assenta-se a construção *itinerar*. Uma unidade lexical elaborada pelos usuários inseridos no contexto de divulgação de conteúdos sobre artes a partir da herança polissêmica, em que o sentido de deslocamento se estende a forma verbal, acionando o paradigma flexional, com enfoque no ato proposicional de selecionar a informação contida no verbo como estratégia discursiva. É no curso das atividades curatoriais que o repertório lexical se enriquece, se fixa, se flexibiliza a ponto de tornar-se adaptado a necessidades mais variadas, pois, a elaboração de *itinerar* é resultado de uma rede complexa e interconectada de associações entre gramática e comunicação. A seguir, apresenta-se a análise dos dados coletados.

3 Os dados

Devido à dificuldade de encontrar um *corpus* que apresente textos curatoriais de forma sistematizada e organizada, bem como à instabilidade em registrar textos de exposições em catálogos ou outros suportes que os perpetuem além do período das exposições em museus e galerias, optou-se por uma pesquisa qualitativa em diversas fontes de divulgação. Além disso, o uso específico da forma verbal em contextos

restritos e sua emergência incipiente como fenômeno linguístico também justificam essa escolha metodológica para a recolha de dados. Com isso, aponta-se um campo fértil para explorar e investigar a tipologia curatorial e a forma verbal *itinerar*.

Na recente exposição *O Pernambuco cósmico de Suanê*, 20 de março a 28 de julho de 2024, apresentada pelo Museu de Arte Contemporânea da USP (MAC-USP), sessenta e duas obras da artista Lúcia de Barros Carvalho, 1922-2020, foram reunidas pela equipe do museu para compor o conjunto de obras modernas e contemporâneas da artista que se deslocam do eixo canônico.

No texto curatorial da exposição, encontra-se a construção *itinerar* no fragmento (1) Nascida num engenho da região de Palmares, em 1922, itinerou com familiares por outras vilas da região, até as cidades de Recife e Olinda, de onde migrou definitivamente para São Paulo, em 1940. Nesse deslocamento, carregou uma profusão de memórias reavivadas em cantigas e contos, pontuando sua prosa ao se apresentar para a cena modernista da maior cidade do país¹ [...] (Grifo nosso).

No perfil do *Instagram* da Pinacoteca do Ceará, encontra-se a divulgação da equipe educativa do museu:

(2) A equipe educativa do museu itinerou até a praia da Leste-Oeste para realizar a atividade Aquarela com Água do Mar na sede do @projeto.mareazul² (Grifo nosso).

Na matéria do Jornal da PUC-SP, em que se divulga a ampliação do Museu de Arte de São Paulo (MASP), encontra-se a derivação flexionada no trecho

(3) A mostra histórias indígenas está atualmente em exibição na Noruega; histórias do afro-atlântico itinerou por Los Angeles, Houston e Washington; a exposição Gran Fury vai ser apresentada no México³.

No texto de apresentação da exposição *Paula Modersohn-Becker e os Artistas de Worpswede – Desenhos e Gravuras (1895-1906)*, de 2008, no MASP, o verbo *itinerou* já aparecia para descrever os lugares nos quais a exposição havia sido exposta.

¹ Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/expos/2024/luciasuane/index.html>. Acesso em: 06/07/2024.

² Disponível em: https://www.instagram.com/pinacotecadoceara/p/C6PAB3gIBk7/?locale=hi_IN&img_index=1. Acesso em: 06/07/2024.

³ Disponível em: <https://j.pucsp.br/noticia/prof-fabio-ulhoa-e-eleito-coordenador-do-comite-cultural-do-conselho-deliberativo-do-masp>. Acesso em 06/07/2024.

(4) Concebida por Wulf Herzogenrath, a mostra itinerou pela China em 2007 e depois do MASP passará por Porto Alegre, Curitiba e Brasília, seguindo depois pela América Latina⁴ (Grifo nosso).

(5) [...] Tudo isto são sinais claros de que há que fazer muitas coisas fora de Lisboa e do Porto também. O programa Rotas traduz esse esforço de descentralizar, itinerar actividades como a arte contemporânea, o que nunca se tinha feito, a dança, o cinema em pacote anual, a Cinemateca este ano está em Coimbra, em Faro, na Madeira [...] (CP, NOW, PT, 1997)⁵.

(6) [...] a exposição de trabalhos da fotógrafa e antropóloga Adriana Freire, que, durante vários anos, trabalhou sobre romeiros e romarias de Portugal. Cinema ao Luar é outra das propostas que vai passar pelas terras que não possuem cinema: 'Não é fácil itinerar'. Confrontada com alguma falta de adesão das câmaras a este projecto [...] (CP, NOW, PT, 1997).

Para cada possível regra, as exceções. No artigo de Schuindt (2024), sobre História da Educação, mapeado pelo sistema de busca *Google*, no resumo, verifica-se o uso da derivação em

(7) Nicolas formou-se na Escola Normal de Curitiba entre 1913 e 1916 e itinerou por várias escolas em Curitiba e no interior do Paraná, justamente porque a sociedade republicana respondia ao ideário de civilidade perpassado pela tese eugênica e de progresso nos moldes patriarcais⁶ (Grifo nosso).

De acordo com a plataforma de busca do *Google*, no período de primeiro de janeiro até o dia seis de julho do ano de 2024, registram-se 306 resultados, dos quais se apresentam o uso da forma derivada e flexionada *itinerou*. Resultados com baixa frequência, se comparados aos 58.900 resultados para o verbo *lacrou*⁷ e aos 101.000 resultados para o verbo *flopou*, no mesmo período. Anterior aos anos 2000, no *Corpus do Português* (DAVIES; FERREIRA, 2006), registra-se o uso da forma infinitiva *itinerar* no ano de 1997, disposta nos fragmentos (5) e (6), e nenhuma ocorrência com a forma flexionada. Esses dados são de matérias jornalísticas de Portugal, que descrevem

⁴ Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/primeiro-expressionismo-alemao-paula-modersohn-becker-e-os-artistas-de-worpswede-desenhos-e-gravuras-1895-1906>. Acesso em 07/07/2024.

⁵ Lê-se Corpus do Português, seção NOW (diacronia), Portugal, ano de divulgação da matéria.

⁶ Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/24315>. Acesso em 06/07/2024.

⁷ Cf. Módolo; Braga (2024). Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/lacrao-uma-breve-historia-de-apogeu-e-queda/>. Acesso em 07/06/2024.

eventos artísticos. A baixa frequência pode ser explicada pelo uso particular, ainda restrito, no contexto enunciativo das atividades relacionadas ao domínio da curadoria e ao uso por sujeitos atuantes nessa esfera, com repertório lexical marcado pela idiossincrasia da linguagem curatorial.

4 Da origem ao dicionário, da construção à predicação

As palavras *itinerário* e *itinerante* têm origem no substantivo latino *iter* > *itineris*, *itinierarius*, *itinerans*, cujo sentido próprio é relativo ao caminho percorrido, ao percurso, à marcha e à viagem. De acordo com Houaiss e Villar (2001), a partir da raiz *ite-*, derivaram-se as palavras iterar, itinerário, itinerante, iteração, itercido, iteratividade, iterativo e iterável. Os autores apontam que o primeiro registro de *itinerário* remonta ao ano de 1529, em *Itinerários da Índia a Portugal*, de Antonio Tenrreyro. Em *Monarquia Lusitana*, de Francisco Brandão, entre 1672-1693, registra-se a palavra *itinerante*. Nos dicionários Aurélio (1975), Michaelis (1988) e Houaiss e Villar (2001), a forma verbal *itinerar* não está catalogada. A escolha desses dicionários é significativa, pois cada um representa uma importante referência da língua portuguesa em suas respectivas épocas: o Aurélio e o Michaelis são marcos da lexicografia tradicional, enquanto o Houaiss e Villar oferece uma perspectiva mais contemporânea. A ausência da forma *itinerar* em todos esses dicionários ressalta a importância de continuamente revisar e atualizar as obras lexicográficas para capturar as evoluções e inovações na língua portuguesa.

Produto da língua em uso social e comunicativo no século XX, a escolha do falante por verbalizá-la tem função pragmática para compor uma informação na qual a ação de deslocamento encontra eficiência no paradigma flexional de verbos da primeira conjugação, terminado em *-ar*. Vale destacar que essa flexão é a mais produtiva no português. Na derivação sufixal, processo de formação de palavra em que se encaixa um sufixo na palavra primitiva, a construção *itiner* + *sufixo* representa a generalização do paradigma flexional acionada pela memória do falante sobre a construção, recategorizando *nome* em *verbo*.

A função pragmática é análoga ao ato de fala ilocucionário, mas é o ato proposicional, *propositional acts* (CROFT, 1991, p.109), que estrutura a informação

dentro da proposição, em vez de modificar a proposição como um todo. A função pragmática é implantada para atingir um objetivo numa estrutura mais ampla de discurso. Na esteira de Croft (1991, p. 109-113), as funções pragmáticas são predicação, referenciação e modificação, pelas quais atravessam outros atos proposicionais, *crosscutting propositional acts*: categorização; localização; seleção. Na seleção, os processos de quantificação e de qualificação tomam como escopo os referentes e as ações de um enunciado, atuando sobre eles por meio de estratégias semânticas e morfossintáticas para destacar e contrastar os referentes e ações de outros referentes e ações que interagem no interior de um mesmo enunciado. As flexões nominais, as flexões verbais, os artigos, o partitivo e o aspecto verbal são recursos utilizados pelo falante no ato proposicional para escolher e separar referentes e ações, com foco no objetivo comunicativo. Nesse sentido, a derivação, por meio da habilitação do paradigma flexional verbal, aciona a ação de deslocamento ou de trajeto no interior da construção de *itinerar*. Na reformulação lexical, portanto, cumpre-se com a necessidade do falante que aciona a generalização de modelos esquemáticos disponíveis na língua, tomando a iconicidade de exposições de arte como ação itinerante e de arte como expressão de movimento dinâmico na representação linguística.

Na forma verbalizada, a predicação, em interface com o valor semântico de deslocamento, habilita complementos para suprir a saturação sintática de acordo com a função discursiva. Em (1), (2), (3), (4), (5), (6) e (7) o sentido de deslocamento “premedita” que os argumentos resolvem-se no direcionamento de um ponto X, passando por um ponto Z, para um ponto limite Y, requerendo preposição. Há correlação entre *intinerou* e os verbos *mudar-se*, *passar*, *ir* e *deslocar* em que os argumentos são preenchidos pela relação entre fonte, percurso e alvo, como verbos nominativos mono ou ditransitivos.

Em (1), o sentido do verbo é expresso pela ação de percorrer certa direção ou caminho, com destino determinado, cuja predicação exige sujeito sintático e objeto preposicionado regido pelas preposições *por* e *até*: X -> (por) Z -> (até) Y.

Em (3), (4) e (7), ocorre o mesmo processo em (1), exceto pelo ponto limite, que não está enunciado: X-> (por) Z. Uma ação que expressa apenas fonte e percurso. Em (7), na construção hipotática, verifica-se o uso da preposição *em*, indicando

deslocamento no interior da fonte. Em (4), o uso do verbo *passar* correlaciona-se semanticamente com o verbo *itinerou*.

Em (2), a ação expressa o deslocamento entre fonte e alvo, o percurso não está enunciado: X-> (até) Y.

Em (5), o verbo na forma infinitiva exerce função de complemento nominal, com sentido de deslocamento, de tirar de um lugar e colocar em outro lugar.

Em (6), a construção marcada tem o verbo na forma infinitiva e alçado da posição sintática de sujeito para o fim do sintagma, com sentido de modificação no verbo.

Nos dados, as predicações e as construções apresentam diferentes formas para expressar o sentido comum de deslocamento e de direcionamento, em que se verifica maior ocorrência das preposições *por* e *até*. No verbo *itinerar*, incorporam-se propriedades semânticas que o circunscrevem no conjunto de “realização” (*accomplishment*), em que se combinam as propriedades de um verbo de ação: dinâmico [+din], com controle [+con], e télico [+tel], de acordo com a combinação das propriedades semânticas propostas por Dik (1997, p. 115).

Considerações finais

Na emergência da construção *itinerar*, verifica-se a relação intrínseca entre língua em uso e a atividade curatorial, a indicar que léxico e gramática são domínios indissociáveis. O verbo *itinerar* é tomado como repertório lexical idiossincrático e elaborado na associação entre os exemplares *itinerário* e *itinerante* que são habilitados como unidades processuais em que se armazenam e processam as informações adquiridas na experiência linguística. Em função pragmática, o processo de modificação ocorre por meio da seleção do evento, acionando-o no domínio semântico, no qual o sentido de deslocamento perpassa pelas propriedades de fonte, alvo e percurso. Na interface entre ato proposicional e domínio semântico, acionam-se as propriedades morfossintáticas de derivação sufixal, via herança polissêmica, reelaborando a unidade processual *itiner-*, com *open slot*, em forma produtiva e licenciada pelo paradigma flexional verbal. Com isso, mobiliza-se a predicação de *itinerar*, em que se conferem as

construções nominativas mono ou ditransitivas, requerendo ou não a inserção de preposições, das quais predominam *por* e *até*.

A baixa frequência de uso generalizado pelos falantes pode indicar que a construção se encontra em estágio incipiente de fixação na língua e que o uso está circunscrito e restrito no contexto de atividades relacionadas às artes. A ausência de registros em dicionários sobre o verbo *itinerar* respalda o estágio incipiente, o que indica a necessidade de aprofundar a investigação, apresentando, assim, um objeto sem descrição linguística. Ainda que não se tenham referências significativas sobre o enquadramento do texto curatorial em uma tipologia textual, dele se projetam sequências narrativas e descritivas, que o inserem em heterogeneidade tipológica.

Diante de tais precedentes, o que se pretende apresentar é a emergência da construção *itinerar* como fenômeno linguístico em função social, com enfoque na interface pragmática, semântica, gramatical e textual, conferindo no uso as estratégias discursivo-gramaticais que se operam na memória e na linguagem. Assim como a arte itinerante, a linguagem também *itinera* pelas formas e funções a serviço do pensamento, do sentimento, da comunicação e da mundividência dos falantes.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Vocabulário ortográfico da língua portuguesa. Disponível em: <https://academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 2 de agosto de 2024.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. (VOLÓCHINOV). Marxismo e filosofia da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yahara Frateschi Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.

_____. Estética da criação verbal. Tradução de Maria Ermantina G. G. Pereira. 1^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BYBEE, Joan. Frequency of use and the organization of language. New York: Cambridge University Press, 2007.

BYBEE, Joan. Language, usage and cognition. New York: Cambridge University Press, 2010.

BOHNS, Neiva Maria F. O discurso curatorial como projeto artístico: do exposto ao contraposto. In: GERALDO, Sheila Cabo; COSTA, Luiz Cláudio (org.). Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, Rio de Janeiro: ANPAP, 2012. Disponível em: https://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio4/neiva_bohns.pdf. Acesso em: 25/07/2024.

CROFT, William. Syntactic categories and grammatical relations: the cognitive organization of information. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. Corpus do português, 2006. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/>. Acesso em: 2 de agosto de 2024.

DIK, Simon; HENGEVELD, Kees (Ed.). The theory of functional grammar part 1: the structure of the clause. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da Língua Portuguesa, 1^a ed., 15^a impressão, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

GOLDBERG, Adele E. Construction grammar approach to argument structure. Chicago: Chicago University Press, 1995.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. Dicionário Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MEDVIÉDEV, P. N. Os elementos da construção artística. In: _____. O método formal nos estudos literários: a introdução crítica a uma poética sociológica. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012. p. 193-207.

MICHAELIS, Henriette; VASCONCELOS, Carolina Michaelis de. Michaelis: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

RAVELLI, Louise. The consequence of choice: discursive positioning in an art institution. In: SANCHEZ-MACARRO, A; CARTER, R (org.). Linguistic choice across genres, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin, 1998, p. 137-154.

SANTOS, Emanuel José dos. O catálogo de exposição como gênero textual. Revista Memento, Três Corações, v. 8, n. 1, jan-jun, 2017, p. 1-17.